

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
LICENCIATURA EM TEATRO**

CLÁUDIA MACHADO

**MINHA ODISSEIA PROFISSIONAL
A APLICAÇÃO DA JORNADA DO HERÓI NA MINHA FORMAÇÃO
NO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO NO RIO GRANDE DO SUL**

**PORTO ALEGRE
2024**

CLÁUDIA MACHADO

MINHA ODISSEIA PROFISSIONAL
A APLICAÇÃO DA JORNADA DO HERÓI NA MINHA FORMAÇÃO
NO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO NO RIO GRANDE DO SUL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

PORTO ALEGRE
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Machado, Cláudia
MINHA ODISSEIA PROFISSIONAL A APLICAÇÃO DA JORNADA
DO HERÓI NA MINHA FORMAÇÃO NO CURSO DE LICENCIATURA
EM TEATRO NO RIO GRANDE DO SUL / Cláudia Machado. --
2024.
45 f.
Orientadora: Adriana Jorge Lopes Machado Ramos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. LICENCIATURA. 2. TEATRO. 3. DOCÊNCIA. I. Jorge
Lopes Machado Ramos, Adriana, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Araci, pelo seu amor e por ensinar-me o valor da Educação.

À professora Adriana Jorgge, pela forma doce e confiante com que acolheu minhas ideias, orientando-me com sabedoria e generosidade.

À UFRGS, pelo espaço concedido para realização da minha licenciatura.

Ao DAD, que sempre me acolheu como estudante.

À minha sobrinha, Jaisa, pela mulher maravilhosa que és.

À querida Márcia Machado Barcelos, solidária na concretização deste trabalho.

À minha irmã, Cristina, pelo exemplo de educadora.

A todos os professores e colegas que comigo compartilharam o seu viver, pela confiança e pelo estímulo.

À Dilma Rousseff e ao Lula e à luta pela educação pública, gratuita, laica e de qualidade.

Aos que vieram antes de mim e lutaram pela democracia.

Se você seguir sua bem-aventurança, você se coloca em um tipo de trilha que esteve ao seu lado o tempo todo, esperando por você, e a vida que você deveria estar vivendo é aquela que você está vivendo. Siga sua felicidade e não tenha medo, e as portas se abrirão onde você não sabia que elas se abririam.
Joseph John Campbell

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado A Jornada da Heroína – Minha Odisseia na Licenciatura em Teatro no Extremo Sul do Brasil, na Licenciatura em Teatro da UFRGS, trata a relação entre minha trajetória acadêmica e o meu interesse pela temática da Jornada do Herói, apresentada por Joseph Campbell. A origem desta proposta surgiu quando realizei a leitura do livro “Ideias extraordinárias fazem dinheiro: Aprenda a contar histórias de modo estratégico para influenciar pessoas e fazer grandes negócios”, da professora Adriana Jorge, esse livro me fez pensar na minha vida como estudante, me inspirou a escrever a minha própria jornada, a partir da minha formação inicial e continuada e, também, no meu trabalho como educadora que desenvolvo há trinta e dois anos. Neste Trabalho de Conclusão, portanto, estabeleci como objetivos principais desenvolver uma relação entre a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, e minha vida acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro, descrever em minha Jornada da Heroína as aprendizagens desenvolvidas e apresentar uma análise teórica relacionando os conhecimentos apreendidos e minha formação como professora. Esta escrita não é um estudo aprofundado das ideias desenvolvidas pelo autor, mas uma busca de aproximação de suas teorias com a minha realidade.

Palavras-chave: Licenciatura – Teatro – Docência.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	CAPÍTULO I.....	9
3	CAPÍTULO II.....	15
4	CAPÍTULO III.....	20
5	CAPÍTULO IV.....	26
	CAPÍTULO V.....	29
6	CAPÍTULO VI.....	33
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS.....	40
	ANEXOS	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS fala sobre a relação entre minha trajetória acadêmica e o meu interesse pela temática da Jornada do Herói, apresentada por Joseph Campbell. A origem desta proposta surgiu quando realizei a leitura do livro “Ideias extraordinárias fazem dinheiro: Aprenda a contar histórias de modo estratégico para influenciar pessoas e fazer grandes negócios”, da professora Adriana Jorge, esse livro me fez pensar na minha vida como estudante, me inspirou a escrever a minha própria jornada, a partir da minha formação inicial e continuada e, também, no meu trabalho como educadora que desenvolvo há trinta e dois anos.

Neste Trabalho de Conclusão, portanto, estabeleci como objetivos principais desenvolver uma relação entre a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, e minha vida acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro, descrever em minha Jornada da Heroína as aprendizagens desenvolvidas e apresentar uma análise teórica relacionando os conhecimentos apreendidos e minha formação como professora. Esta escrita não é um estudo aprofundado das ideias desenvolvidas pelo autor, mas uma busca de aproximação de suas teorias com a minha realidade.

Para minha Jornada da Heroína, utilizarei a estrutura proposta por Christopher Vogler, em seu livro “A jornada do escritor (2007)”, que baseado no conhecimento do Campbell, transformou os 17 passos em 12 etapas, na busca de uma maior praticidade. Para Vogler, as ideias de Campbell em “O herói de mil faces (1949)” ajudam a compreender quase todos os problemas humanos, a maioria delas não envolve guerreiros dando a vida por uma causa nobre em uma situação limite de combate, há mais pessoas comuns vivenciando a jornada do herói do que possamos imaginar. (Vogler 2007, 28).

Um esclarecimento é necessário, após iniciar minha escrita, me deparei com o livro “A jornada da heroína: A busca da mulher para se reconectar com o feminino”, da autora Maureen Murdock, que foi estudante de Campbell e desenvolveu uma estrutura, tendo como base os seus estudos e terapias de mulheres, para que as histórias pudessem representar de fato o caminho psicológico e espiritual feminino e contemporâneo, publicado inicialmente em 1990. Porém, optei por seguir os passos do autor, é importante destacar que, apesar das jornadas terem características parecidas, elas são completamente diferentes.

A Jornada do Herói pode servir de inspiração, mas não de bússola para minha trajetória acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro, seguindo essa estrutura, eu fui de um lugar familiar para um lugar menos familiar a fim de amadurecer e, com isso, passei por um processo

de aprendizagem que vou descrever. A exposição que se segue está estruturada em uma introdução, seis capítulos e considerações finais.

Na introdução, descrevo a origem do interesse pela temática do trabalho final, focalizando minha formação inicial e continuada e a trajetória como professora. No primeiro capítulo, desenvolvo a relação entre a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, minha vida acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro com o primeiro passo MEU MUNDO COMUM e apresento questões sobre ser inteira como professora.

No segundo capítulo, descreverei minha Jornada da Heroína com as aprendizagens desenvolvidas no Curso de Licenciatura em Teatro o passo O CHAMADO À AVENTURA E A RECUSA, descrevendo quando pensei em cursar Artes Cênicas. O terceiro capítulo apresenta uma análise teórica relacionando os conhecimentos apreendidos no Curso de Licenciatura em Teatro e minha formação como professora, o passo O ENCONTRO COM O MENTOR, contando sobre os educadores e educadoras que mudaram a minha vida. No quarto capítulo, apresento o passo A TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR E O VENTRE DA BALEIA, conto sobre a Odisseia de trinta anos para o meu retorno ao curso de licenciatura em teatro.

No quinto capítulo, temos os passos a APROXIMAÇÃO DA CAVERNA OCULTA, a PROVAÇÃO SUPREMA e a RECOMPENSA, descrição de uma pausa necessária para enfrentar a magnitude do desafio que estava por vir e essa parada foi utilizada para que eu me preparasse melhor para ele. No sexto capítulo os passos o CAMINHO DE VOLTA, a RESSUREIÇÃO e o RETORNO COM O ELIXIR, com reflexões sobre os Estágios de Docência. Nas Considerações Finais, reflito sobre os aspectos que envolveram minha trajetória no curso e os impactos causados em mim.

Compreendo as limitações impostas neste trabalho final, existem muitos outros detalhes e aspectos da minha jornada que seria impossível de abordar completamente aqui. A jornada do herói é um modelo ultrapassado? Eu acredito que não, pois podemos compreender que a jornada do herói como uma tentativa de síntese da história humana, como mostra os estudos dos mitos de Joseph Campbell e todos nós somos os heróis de nossa própria jornada.

OBJETIVOS

1. Desenvolver uma relação entre a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, e minha vida acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro;
2. Descrever em minha Jornada da Heroína as aprendizagens desenvolvidas no Curso de Licenciatura em Teatro;
3. Apresentar uma análise teórica relacionando os conhecimentos apreendidos no Curso de Licenciatura em Teatro e minha formação como professora.

CAPÍTULO I

MEU MUNDO COMUM – Ser inteira como professora

Esta escrita será, ao mesmo tempo, um exercício de apropriação de si e uma esperança da compreensão de quem estou sendo. Seguindo a inspiração de Deleuze e Guattari (1997, p.80), proponho um "aprender a desfazer, e a desfazer-se", que, segundo eles, é próprio da máquina de guerra, o não fazer do guerreiro, desfazer o sujeito, aqui neste caso eu. Quando eu tinha cerca de cinco ou seis anos, ao assistir na televisão cenas de crianças desnutridas em algum lugar da África, eu chorava. Era um choro silencioso e ninguém percebia, mas lágrimas escorriam em minhas bochechas gordinhas. Ao chorar, eu pensava que no futuro eu ajudaria estas crianças. Minha mente ficava confusa e não compreendia por que alguém não cuidava destes pequenos seres.

Aos doze anos eu disse para minha mãe que eu queria ser Papa, para que com o poder da Igreja eu pudesse cuidar das crianças do mundo todo. Minha mãe sorriu e disse que mulheres não podiam ser Papa e que nós não éramos católicas. A minha maneira eu decidi qual seria a minha missão, eu seria professora. Nem sei por que eu sempre quis lecionar, achava linda a imagem de uma mulher liderando um grupo de estudantes. Mesmo quando eu ainda não sabia ler, eu andava com enciclopédias na típica pose de segurar os livros na altura da cintura com o braço direito. Eu nada sabia do mundo, eu nada sabia das letras, mas eu queria ensinar.

Uma vez ouvi um psiquiatra dizer em uma palestra "Ao longo da vida a gente não é inteira.", com certeza almejamos, mas jamais alcançamos. Talvez de alguma forma eu procurasse ser inteira, sendo professora. Eu desejava carregar livros e estar com os outros, eu gosto de ambos. Eu gosto de estar entre as pessoas, gosto de escutar suas trajetórias, gosto do movimento dos corpos no espaço, gosto de ouvir vozes, gosto do cheiro dos humanos e gosto mesmo é de suas imperfeições.

Eu sei bem de imperfeições, eu sempre fui muito imperfeita, sempre agitada, sempre gritando, sempre grandona, sempre de óculos, sempre defendendo a verdade. Sempre procurando a justiça e sempre dizendo o que eu penso. Pagamos um preço bem alto por dizer o que se pensa, pois, as pessoas algumas vezes não gostam de sinceridade. Embora digam que apreciam a sinceridade, elas preferem a conveniência. Quando se é criança não se compreende o que é ser conveniente, dizer o que convém, o que é adequado e vantajoso. Em mim a voz é uma emoção, então, é difícil ficar calada, silenciar e esperar o momento certo. E se este momento não vem?

Tenho pensado como é que estou sendo professora? Como me tornei professora? Por que me tornei professora? Quando fiz esta escolha e decidi ser professora de teatro? Por que permaneço estando professora? Por que eu não desisto?

Meus estudos, na área de Educação, iniciaram no Curso de Magistério no Instituto de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre, no ano de 1986. Realizei concurso no Estado e trabalhei, durante um ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Aldo Locatelli, na Vila Brasília, que foi uma aprendizagem gratificante, nova em vários sentidos. Novamente prestei concurso e ingressei, em 1991, na Rede Municipal de Educação de Porto Alegre, na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Bom Jesus. Cito as escolas, pois cada uma delas representa uma fase de meu percurso profissional, o primeiro contato, a solidificação do meu desejo de ser professora e a concretização em minha prática.

Houve um momento em que a educação assumiu um novo significado. Foi quando a Prefeitura de Porto Alegre, em 1995, assumiu os Ciclos de Formação, uma maneira diferente de organizar os tempos e os espaços na escola, visando o respeito às construções de conhecimento dos alunos e, principalmente, a inclusão de todos. Não a inclusão de simplesmente estar fisicamente na escola, mas sim de participar como sujeito ativo em seu processo de apropriação do conhecimento, sem rupturas nesse processo. As escolas municipais estão, em sua maioria, na periferia da cidade, atendendo às chamadas populações “carentes”, com pessoas vindas dos “reassentamentos”, que literalmente inventam uma comunidade e se reinventam nela.

Minha formação acadêmica iniciou em 1989, com a Licenciatura em Artes Cênicas, por motivos que contarei mais adiante solicitei uma transferência para o Bacharelado, com habilitação em Interpretação Teatral, na UFRGS. Atuei até 2000, no Grupo Usina do Trabalho do Ator - UTA, este grupo iniciou o seu trabalho inspirado nas ideias de Eugênio Barba sobre “Antropologia Teatral”, que pode ser entendido como o estudo do comportamento humano, quando o ator usa sua presença física e mental em uma situação organizada de representação e de acordo com os princípios, que são diferentes dos usados na vida cotidiana.

A partir da Antropologia Teatral, de Barba eu tive a oportunidade de me debruçar sobre um dos seus conceitos mais importantes; o estudo do comportamento expressivo do ser humano na cena teatral das diversas referências culturais. Este olhar abre a possibilidade de definição do próprio eixo do ator: sua prática como descobrimento pessoal e como exercício de encontro com o outro, como matriz de um grupo. Nesta busca, seria imperioso que eu superasse minhas inseguranças e me colocasse em vulnerabilidade e ao tempo com flego para autoinvestigação do meu trabalho como atriz.

Na escola eu me sentia uma estranha, que estava sempre em viagem, conversava muito com meus alunos, pois tinha muitas histórias sobre espetáculos e seus bastidores. Porém, crescia em mim a vontade de aprofundar certas questões mais específicas sobre educação, fracasso escolar, exclusão social. Ingressei em 1998, no Curso de Pedagogia da FAPA, Habilitação Supervisão Escolar, e comecei a reformular minha visão, um pouco ingênua, sobre a escola e a fundamentar minhas ações em estudos teóricos até então desconhecidos. Passei a entender a escola como uma rede complexa de situações, que ultrapassa as questões de organizar as aulas.

Não compreendo bem de onde surgiu esta curiosidade, minha vida oscilava entre os ensaios, as viagens para os festivais e as aulas. Nesse tempo, eu ainda concluía meu bacharelado na UFRGS, vivia dividida entre “fazer” aulas e “dar” aulas, era tudo tão intenso emocionalmente e forte fisicamente, só resisti porque vivia correndo literalmente. Emociona-me pensar como estar entre uma e outra atividade me complementavam. Como era bonito e vital atuar no palco e, ao mesmo tempo, atuar na escola. Não sei precisar nem quando e nem que motivo me conduziu a decidir somente pela escola, foi aos poucos que fui deixando o envolvimento com o teatro. Nem sei bem o porquê, mas agora meus olhos enchem de lágrimas e sempre dói reviver esta marca em mim.

Gostaria de falar sobre o que chamarei “marca”, como um carimbo, um sinal, uma cicatriz que fica em nós, nos distingue dos outros, nos nomeia, não se relaciona nem com o bem e nem com o mal, simplesmente existe, nos denomina e é denominada por nós. Esta marca não tem forma definida, nem nome, vai mudando e mudando, quando você percebe, já é outro desenho e tem uma nova formação. Não sei explicar com exatidão, então vou dar alguns exemplos do que considero estas marcas em mim, que influenciaram e foram influenciadas por minha professoralidade - como eu fui elaborando esta arte, de estar sendo professora, não como uma identidade do lugar-comum, mas como a minha vida pequena e cotidiana processou esta experiência.

Nesse sentido, entendo a professoralidade como um processo que implica não só o domínio de conhecimentos, de saberes, de fazeres de determinado campo, mas também a sensibilidade do docente como pessoa e profissional em termos de atitudes e valores, tendo a reflexão como componente intrínseco ao processo de ensinar, de aprender, de formar-se e, conseqüentemente, desenvolver-se profissionalmente. Evidente que este processo é absolutamente pessoal e único, mas ao mesmo tempo atravessou e foi atravessado literalmente por quem cruzou o meu caminho. (BOLZAN, 2001, 2002)

Pereira (2000) nos demonstra que a “professoralidade” não é uma escolha feita seguindo um modelo, mas uma “diferença que o sujeito produz em si”. Essa diferença representa uma vontade de mudar, representa convicções. A escolha pela docência não pode ser puramente influenciada por um modelo social, mas por algo próprio do indivíduo:

A professoralidade não é uma identidade que se assume baseada em um modelo, mas uma diferença que o sujeito produz em si, é um estrato em risco de desequilíbrio permanente [...] A subjetividade é um conjunto de condições que perfaz o sujeito, que produz, a identidade é a institucionalização de uma forma a modelos estereotipados. A sociedade diz que devemos ter uma identidade estável e dá padrões como formas de homogeneizar o cotidiano [...] A professoralidade é o jeito, o modo de ser que tenho alimentado, como via fundamental, tanto para navegar em meu campo individual quanto para colocar-me dentro da coletividade. Há tempos ela ressoou com mais força, invadiu e eu pude senti-la, com toda sua intensidade. Propositamente, tenho investido nela, acompanhando suas transformações e modos de demarcar meus novos devires (p. 38-40).

Uma marca que tenho é estar no meu **não-lugar**; não se trata de estar fora do lugar, mas de pertencer sem ser. A minha irmã frequentava o Jardim de Infância; antes de ela estar no colégio, eu não sabia que existia um paraíso de brincadeiras e amiguinhos, eu era pequena e não tinha idade para estar lá, mas tantas e tantas vezes, eu falei para minha mãe e para a professora Eunice que eu desejava estudar, que eu me tornei aluna ouvinte na turma do jardim de infância da minha irmã. Eu adorei tanto a escola, aquele sistema de controle e envolvimento emocional, que aos sete anos eu era aluna da 1ª série pela manhã e no turno da tarde eu “repetia” a lição como “professora” para minha sobrinha de três anos; talvez, eu quisesse era reviver a emoção para capturá-la.

A “marca” mais forte eu já comentei é estar professora e estar atriz. Na escola, todos me tratavam como atriz; e no grupo de teatro, todos me enxergavam como professora; ambos exigiam uma escolha. Bem mais tarde, cursei uma especialização em Direito da Infância, e ali estava eu novamente entre os não-pares, uma estranha entre juízes de direito e promotores públicos, opinando sobre garantias legais na área da infância. Afinal, o que será que eu sou mesmo?

Outra marca é o **descontentamento**, uma eterna insatisfação, um sempre suspirar de incompletude, eu sempre quero mais. Quando criança, percebi que na escola não havia lugar para o tédio, se tudo estava muito ordenado, bastava um evento para criar o imprevisto. Se uma professora explicava um conceito, bastava perguntar “por quê?” Se ela determinava algo, era só dizer “não vou”; esta contrariedade animava o ambiente. Eu sempre queria saber mais e mais, sair da escola do bairro e estudar bem longe, naquela época era no Bairro Cidade Baixa.

Concluir o ensino médio para ir para universidade e foram vinte e sete anos consecutivos de ensino formal. Um ensinamento que aprendi, na escola, não foi verbalizado, era quando eu incomodava muito na sala de aula a professora da 4ª série me colocava de castigo do lado de fora, na rua, ao lado da porta. Eu ficava ali sozinha e me sentia humilhada; então, eu prestava atenção em tudo em volta, cada detalhe que eu não enxergava quando simplesmente por ali passava, conversava com qualquer estranho que surgisse, cantava, elaborava planos e ficava feliz, pois lá longe minha mãe estava vindo me buscar. Ou seja, a escola é um lugar para se estar, mas quando possível, é preciso sair para ver o mundo com outros olhos.

Mais uma marca é a **ficção**, a descoberta de que existem irrealidades na literatura, no cinema, na dramaturgia, na poesia, ou seja, vidas não vividas, somente imaginadas e sonhadas. Para mim, ler é a possibilidade de fuga e de encontro ao mesmo tempo, me acalantou nos momentos difíceis e alegrou-me nas horas de celebrar. Eu fui uma criança muito pulsante, o que exigia muita energia dos adultos para me conter e para me acompanhar.

Quando comecei a ler, simplesmente eu lia tudo, o nome do ônibus, as receitas de remédios, as contas para pagar, as revistas “escondidas” do meu pai, as capas dos discos, cada nome de loja ou de rua; porém, não havia muitos livros na minha casa e eu descobri um lugar lindo - a Biblioteca. É uma ideia muito iluminada reunir livros para a gente encontrá-los. Assim, as leituras de vidas imaginárias, em diferentes linguagens, me ensinaram muito de mim e dos outros, me instigaram a testar minhas hipóteses sobre como estar e ser no mundo.

Eis outra marca **estudar**, me deleita imaginar que estar sendo professora é, na verdade, a busca de estar sendo a eterna aluna. Agrada-me o sistema de organização, para o estudo, como um ritual, escolha dos livros, muitas leituras, estar sozinha, escrever para reescrever, conhecer novos autores, novas teorias de “salvação ou cura”, mas principalmente o silêncio, a introspecção, momento único em que é você criando algo.

Estou sendo professora porque talvez associasse estudar a escola, quero estar naquele lugar em que acessamos os objetos culturais e “aprendemos” modos de vida. Confesso que estudar me proporciona muito prazer, não sei explicar; por exemplo, como gostar de comer chocolate, se apaixonar por um homem bonito, mergulhar numa praia de Fortaleza. Estudar e, por consequência, pensar, não deve se relacionar com a repetição e sim com a natividade, uma forma de nascimento, do surgimento do novo.

Dentro da marca estudar, tem uma parte de meu Mestrado na PUCRS (2002), com a orientação da professora Nara Maria Guazzelli Bernardes. A pesquisa com o objetivo de refletir sobre o surgimento do sentimento de infância no mundo e como ele se constituiu no Brasil,

relacionando com os estudos sobre representações sociais e a visão das crianças sobre infância, família, escola e raça/etnias de crianças de classes populares de uma escola municipal, com idade entre seis e oito anos. Durante as entrevistas com as crianças, quando estávamos a sós e o trabalho realmente começava, havia como que uma transformação. Carinhas felizes ficavam sérias ao responder sobre si mesmas, sobre a família, sobre a escola, sobre a raça/etnia.

Emocionavam-se e me emocionavam ao relatar o seu cotidiano, nada simples, cheio de complexidade e de tramas, e elas que, para mim, eram somente crianças. Passei, então, a tentar compreender o que significa ver o outro como ser humano, não só tolerar e sim aceitá-lo em sua diferença, que nos torna tão iguais em nossas esperanças e frustrações. Um grande companheiro durante os encontros foi o silêncio, que nada tinha de constrangedor, era uma pausa amiga, para organizarmos nossas ideias e emoções e, às vezes, era acompanhado de um “não quero falar sobre isso”, pelo menos agora, talvez em outro momento.

De acordo com Charlot (2000), nascer é “penetrar” na condição humana, entrar em uma história, a história singular de um sujeito pertencente à história maior da humanidade. Nascer significa ter de aprender, num triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade), partilhando seus valores, gostos e hábitos. Quando a criança nasce, entra em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema, no qual se diz quem ela é, como é o mundo, quem são os outros. Estar no mundo significa que a criança se constrói e é construída pelos outros, nunca de forma acabada. A criança se constrói como ser humano em interação social, apropriando-se de uma humanidade que lhe é exterior através da mediação do outro.

Retomo aqui o conceito de hominização, pois a esse respeito Maturana (2002, p. 23) ressalta, “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor”; segundo o autor, este sim é constitutivo da vida humana, tendo sempre presente que ele é fundamental no social, mas que nem toda convivência é social. Segundo seus estudos, o central na convivência é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social, que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo, quanto na aceitação e respeito pelo outro.

Neste sentido, realizei meu Doutorado em Educação na PUCRS, com o título “Educação e direitos humanos: trajetórias de Porto Alegre no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes”, na Linha de Pesquisa Fundamentos, Políticas e Práticas da Educação Brasileira, que pretendeu oferecer uma visão analítica e crítica da educação no

Brasil, desenvolvendo estudos avançados a partir de condicionantes históricos, filosóficos, sociológicos, políticos e culturais para compreensão e explicitação da problemática da educação brasileira, procurando subsidiar possíveis ações transformadoras, com o tema Educação e Proteção de Direitos nas escolas municipais de Porto Alegre.

Portanto, eu proponho um exercício de autoinvestigação da minha professoralidade, a partir da Jornada do Herói, de Joseph Campbell, mas inspirada na leitura do livro Ideias Extraordinárias fazem Dinheiro, da minha orientadora professora Adriana Jorgge. A publicação citada chegou em um momento que eu estava em crise e me impulsionou para uma reflexão sobre mim mesma. Te convido a vir comigo nesta odisseia, são cinquenta e cinco anos de construção da Cláudia Machado.

Em concordância com Bernard Charlot (2000), já nasci filha, menina, bebê, irmã, prima, entre outros; cresci e me tornei mulher, estudante, solteira; envelhecendo sou funcionária pública, professora, contribuinte, entre outros. Nesta longa duração de tempo, foram muitos obstáculos imprevistos e nesta narrativa vou relatar uma série de acontecimentos extraordinários até que eu conseguisse concretizar o meu objetivo de me formar na Licenciatura em Teatro, na UFRGS.

CAPÍTULO II

O CHAMADO À AVENTURA E A RECUSA – Quando pensei em cursar Artes Cênicas

A Jornada não é linear, nem única, com a continuação do relato vocês perceberam, como eu percebi que ocorrerão grandes acontecimentos a cada momento e você pode, na tentativa de organizar o caos fazer escolhas e renunciar a seus sonhos, mas acredite que sempre é possível retomar o caminho novamente em busca do seu Chamado. Porém, a recusa foi agora não, mas, no futuro eu retornei ao meu desejo inicial e hoje estou aqui para contar a minha história e fazer todo o sentido com o que estou vivendo agora.

A aventura começou quando eu optei por realizar vestibular para o curso de Artes Cênicas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, porém me deparei com um conflito. Sair do seu mundinho comum, da minha zona de conforto para estar no ensino superior na área de artes.

Meu conflito não necessariamente foi algo dramático, como a morte, que viria mais adiante, mas envolveu uma negociação com o meu pai. Isto mesmo, minha escolha inicial era para cursar o Bacharelado em Artes Cênicas com ênfase em Interpretação Teatral, mas ele não concordou com minha opção, por considerar uma profissão com muita instabilidade e poucas oportunidades de trabalho, embora meu desejo fosse experimentar coisas novas.

Neste momento, é necessário contextualizar que sou de uma família de origem humilde, que cresci enfrentando muitos problemas econômicos. Meu pai era caixeiro-viajante, ou seja, um indivíduo que transporta e entrega nos domicílios as mercadorias pelo interior do Rio Grande do Sul. Ele ficou viúvo, com três filhos, aos quarenta anos. Casou-se com minha mãe, que trabalhava, porém, deixou o emprego para cuidar de dois meninos com cinco e onze anos, mais uma adolescente com doze anos de idade.

Quando minha irmã nasceu anos depois a família estava completa. Minha mãe achava que estava com um tumor, foi ao médico e na verdade o mal-estar era eu que estava para chegar. Eu e minha irmã Cristina temos um ano de diferença, o que foi bom e ruim ao mesmo tempo, herdei roupas e brinquedos, mas dividi a tenção de nossa mãe.

Enfim, tudo isso para dizer que quando conclui o ensino médio, ninguém na minha família tinha um diploma de curso superior, o que aumenta a expectativa e aumentava a valorização com relação a esta experiência. Você já pensou sobre o impacto de ser a pioneira ao cursar o ensino superior em minha família? Você já pensou como suas escolhas podem influenciar seus pais ou sua família? Qual o significado na década de oitenta, no Brasil, em frequentar uma universidade pública que naquela época um privilégio para poucos, ou será

que a situação ainda é a mesma?

Se você está curioso ou curiosa para saber, porque uma menina que cresceu sem assistir a nenhum espetáculo teatral, resolveu cursar Artes Cênicas, eu vou explicar como este Chamado começou. Eu sempre fui uma criança muito extrovertida, comunicativa e gostava de ser o centro das atenções no colégio e na família.

Minha inspiração surgiu na escola, digamos que a primeira personagem que eu interpretei foi a Liberdade em uma dramatização no Jardim de Infância em alusão ao dia simbólico da Independência do Brasil. Foi uma emoção muito grande quando entrei com um regador com fitas brancas, como se fossem a água caindo, representando as águas liberadoras sobre os brasileiros que eram meus colegas de turma que lentamente iam se levantando em uma doce coreografia. Senti uma emoção tão grande que jamais esqueci, nesta conjuntura Reverbel (1997) fala da importância do uso do teatro no ensino:

O ensino do teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. E ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas. (pág.25)

A partir deste momento, surgiu o interesse por atividades ligadas as artes de expressão com o corpo, sempre me voluntariava para declamar poesias, cantar, participar de dramatizações. Em casa, dublava da cantora Maria Bethânia às Frenéticas, quando pequena ouvia encantada as rádios novelas e imaginava como seria o estúdio e como realizavam os efeitos especiais, também não perdíamos as telenovelas e sempre íamos ao circo. Minha mente infantil foi construindo um repertório sobre o mundo encantado do Teatro.

O autor Ricardo Japiassu em seu livro Metodologia do Ensino de Teatro (2001) afirma: A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. Aqui iniciava um processo de desenvolvimento através do jogo teatral, para mim ao interpretar outros “personagens” nas dramatizações escolares, eu estava me conhecendo melhor e descobrindo minhas potencialidades e fragilidades. Assim, aprendemos a expressar nossos desejos e medos, o que é pode ser essencial para o nosso desenvolvimento emocional.

Nos anos oitenta, eram muito populares os parques de diversão nas praias do litoral norte do Rio Grande do Sul. Havia um número que eu assistia inúmeras vezes, no meu imaginário, Monga e Mulher-gorila eram termos praticamente sinônimos, a metamorfose de mulheres em primatas ferozes me arrastava todas as noites para ver aquele pequeno show de horrores. Uma mulher que vira macaco iluminada por um foco de luz na escuridão, ela

encarava o público com um olhar ameaçador. Encontrava-se presa numa jaula, parecendo guiada por um transe hipnótico, tão intenso quanto fossem as palavras do locutor, que aludiam a paisagens distantes, instintos adormecidos e a um passado misterioso. Pouco a pouco, a transformação acontecia: os braços e pernas engrossavam, o rosto se expandia, as narinas se dilatavam, cabelos brotavam por toda a superfície do corpo. A mulher se convertia num gorila selvagem, que rompia as grades e avançava com violência sobre a plateia.

Hoje percebo todo o estereótipo da figura feminina neste número, o favorável inclui a graça, a habilidade social e o apoio emocional fornecido, e o desfavorável salienta e vaidade, a futilidade e o descontrole emocional. Como criança eu buscava descobrir como acontecia aquela transformação diante dos meus olhos.

Eu ouvi o chamado do meu coração, quando com cerca de quatorze anos eu assisti na televisão um documentário sobre o Grupo de Teatro Tá na Rua, do Rio de Janeiro. Desde 1980, sob a direção de Amir Haddad, o grupo se apresenta em praças do centro e da periferia das cidades brasileiras. Sem tablado, sem cenário, sem aparelhos de ampliação vocal ou quaisquer recursos técnicos de espetacularidade, o grupo se baseia no contato direto entre a cena e o público.

Minha primeira apresentação em público aconteceu no final dos anos oitenta, após uma Oficina com o Grupo Tá na Rua, no extinto Festival de Teatro de Canela. No Carnaval carioca de 1989, participei do desfile da escola de Samba Beija Flor, com o enredo “Ratos e Urubus, larguem minha fantasia”, a convite dos meus novos amigos. Para mim foi como um Chamado, praticando um teatro que se quer popular, com uma linguagem dialética que promova ação e reflexão, o Tá na Rua propõe ao espectador a busca da autoexpressão que conduza a uma identidade própria e crítica diante da cultura dominante e me conquistou totalmente.

Nessa situação, onde se encaixa a recusa ao chamado? No meu caso, ela se materializou com a morte do meu pai, me senti sozinha, desamparada e fora do controle de minha vida e eu acreditava que precisava naquele momento deveria priorizar a estabilidade financeira. Hoje passados muitos anos, eu percebo que a tomada de decisão de “trancar” o curso de Licenciatura em Teatro foi uma decisão interna e sofri as consequências por décadas. Sempre fazemos o nosso melhor em nossa jornada, mas a sensação de vazio e incompletude permaneceu comigo. Segundo a escritora Jorgge (p. 130-131, 2023):

O herói rejeita o chamado e tenta permanecer na vida que estava vivendo. Mas é impossível. Cedo ou tarde, terá que atendê-lo. O herói precisa evoluir e não poderá ignorar por muito tempo sua missão. Outros personagens podem surgir nessa etapa da narrativa para obrigá-lo a escutar o chamado, até que ele aceite cumprir o destino. (...) Simbolicamente você precisa enterrar os cadáveres de tudo o que já morreu no ciclo anterior para inaugurar um

novo ciclo

A perda definitiva de meu pai foi um grande e triste desafio, me senti desconectada de meus sonhos, perdida aos vinte e três anos de idade, surgiram os medos, as hesitações e muitos conflitos interiores e exteriores. Uma das primeiras definições foi como iria me sustentar economicamente e outras pessoas dependiam de mim agora, pois até aquele momento eu dependia totalmente dele. Por isso, em um primeiro momento, achei que o melhor a fazer era aumentar minha carga horária na escola e renunciar à universidade. Esta foi minha recusa ao chamado de ser professora de teatro, convenci a mim mesma de que não me importava com aquilo.

Neguei porque eu tive medo e justifiquei com razões externas, criando sentido para mim Cláudia e minhas crenças naquele contexto. Então, mesmo que surja algum tipo de empecilho para realizar a missão que você recebeu, e neste momento opte pela segurança e conforto, como eu optei, não tendo força para vencer os caminhos tortuosos que se apresentaram à minha frente e, conseqüentemente, preferi me manter onde estava, não significa que esta seja uma ação definitiva. Diante do impasse em que me encontrava, eu e o nosso herói do mito, precisa de um empurrãozinho. Chegou a hora de encontrar o meu mentor ou os meus mentores, que me deram o que era necessário para enfrentar o desafio que me foi imposto pelo destino.

CAPÍTULO III

O ENCONTRO COM O MENTOR – Educadores e educadoras que mudaram a minha vida

Este capítulo aborda sobre o quarto passo da Jornada da Heroína o encontro com os mentores, houve um momento em que eu estava um pouco sem coragem ou sem motivação suficiente para decidir se seguia ou não meu caminho para me tornar uma professora de teatro. Em 1988, fui aprovada no vestibular de Artes Cênicas – Ênfase em Licenciatura, será que eu estava pronta para mergulhar nesse mar profundo que pode ser a Universidade? Será que surgiram pessoas importantes e situações que assumiram o papel do mentor? Normalmente ele aparece para dar o que faltava de motivação, de conselhos ou até mesmo de instrumentos e ferramentas para que eu me sentisse capacitada, no que para mim, seria uma aventura.

Afinal de contas quem é a figura do mentor ou da mentora? O mentor, também é chamado de sábio porque a gente, geralmente, imagina que as pessoas mais velhas emanam sabedoria e no nosso inconsciente coletivo, no nosso imaginário e como nos foi contado através dos séculos pelos mitos, pelos contos e histórias. Porém, pode não ser nada disso, pode ser alguma força sobrenatural que lhe oferece um objeto, um treinamento, alguns conselhos, uma forma de poder ou qualquer outra coisa que faça com que você encontre a autoconfiança necessária para resolver o seu conflito e aceitar o desafio.

Muitas vezes tive a oportunidade de encontrar pessoas que me ajudaram a controlar a tristeza e viver o prazer de ser quem eu sou. Meu primeiro mentor no teatro foi Amir Haddad, um homem com grande sabedoria e experiência, mas tive também uma Fada Madrinha, melhores amigos e até mesmo alguns inimigos neste percurso. Foram encontros de afetos, esclarecendo que o relato desta jornada não é para reforçar idealizações sobre o mundo do trabalho, mas para mostrar que somos humanos com falhas e qualidades.

A Jornada do Herói inicia desde a infância, em geral, quando ele nasce existe uma profecia ou algum tipo de problema. No meu caso, desde a concepção, minha mãe tinha acabado de dar à luz a minha irmã e pensou que o surgimento de inchaço na região da sua barriga era um tumor. Cientificamente um tumor pode ser classificado em dois tipos: benignos e malignos. No meu caso não era um tumor e sim uma nova vida.

A Fada Madrinha de minha vida é minha Mãe Araci, que me ensinou a me preocupar com as pessoas, a perceber meus sentimentos, tentar compreender meus defeitos e problemas no decorrer do tempo. De tudo o que ela me transmitiu, estas devem ser as lições mais importantes e são também as qualidades que eu mais admiro nela. Eu espero que as pessoas reconheçam estas características em mim e nunca canso de dizer a ela o quanto ela

tem um significado especial para mim, não só porque ela é a minha mãe, mas também por ser uma pessoa que eu admiro e amo muito.

Retomando ao assunto sobre meu primeiro mentor Amir Haddad, ele é um ator, professor, diretor de teatro e teatrólogo mineiro. Reconhecido internacionalmente, desenvolve uma série de atividades didáticas nas artes cênicas, como oficinas, seminários e cursos. É considerado um dos maiores encenadores do Brasil. O criador do Grupo Tá na Rua, iniciado em 1980, leva a arte do teatro para o espaço aberto das ruas e praças, ressaltando a importância das comemorações populares na vida social e cultural das cidades. Torna-se um diretor único por sua capacidade de transitar entre o teatro tradicional e as produções populares. Ao assistir um documentário com a sua trupe na televisão, acho que eu tinha uns dez anos de idade, eu decidi era isso que quero fazer para sempre.

Minha primeira apresentação pública com um grupo de teatro aconteceu durante o Festival de Canela, resultado de uma oficina com o grupo Tá na Rua. O Festival de Teatro de Canela existe desde o ano de 1987, reunindo artistas locais, do estado e do Brasil. Este evento que ocorre anualmente, com duração aproximada de dez dias, abrangendo as categorias adulto, infantil e teatro de rua, visa valorizar e fomentar o desenvolvimento da atividade teatral, produzida por grupos locais, grupos de outros municípios do estado e do país, promovendo um grande encontro de teatro e intercâmbio de artistas brasileiros. Além disso, estimulou a criação de um Curso de Teatro implantado pela UCS – Universidade de Caxias do Sul – Núcleo Universitário de Canela, com Curso de Formação de Ator, buscando suprir a necessidade e a consciência de um aprimoramento técnico nesta área. Este festival mudou a minha vida.

Em 1989 a Proclamação da República completara 100 anos, no Carnaval em que o lixo venceu o luxo, eu estava lá na cidade do Rio de Janeiro. O dia já estava claro, terça-feira de Carnaval, quando a Escola de Samba Beija-Flor cruzou a avenida com uma imagem que certamente é uma das mais fortes da história dos desfiles, um Cristo mendigo saindo de dentro da favela, com o enredo *Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia*, criado por Joãozinho Trinta. A escola ficou com o segundo lugar, a convite do Tá na Rua fui para o desfile das campeãs no sábado seguinte, na segunda alegoria, chamada “Convite”, releitura foliã dos miseráveis de Victor Hugo, com um chamado imenso: “ATENÇÃO! Mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, profetas, esfomeados e povo de rua: tirem dos lixos deste imenso país restos de luxos...”, quem diria, entrei na avenida com mendigos, sucatas e farrapos em plena Sapucaí. É difícil dimensionar o que esta situação totalmente extraordinária significou em minha vida, aos dezenove anos, eu me sentia capaz de dominar o mundo.

Lembram que o mentor pode te fornecer um treinamento? Sim, eu tive três mentores

que me forneceram um treinamento sobre presença cênica que investigo há aproximadamente trinta anos. Este aprendizado foi de muita inspiração e base para meu planejamento no Estágio de Docência I e II, no Departamento de Arte Dramática da UFRGS, no ano de 2022. Eu conheci meus Mestres Luís Otávio Burnier, Carlos Simioni e Ricardo Pucceti, um ano depois do meu encontro com o grupo Tá na Rua, durante uma oficina, no Festival de Teatro de Canela. Segundo texto do site do LUME¹ - NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS TEATRAIS DA UNICAMP:

Durante um curso intensivo que foi ministrado na Escola de Artes de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, Burnier conheceu Carlos Simioni, um jovem ator premiado em Curitiba, que se mudou para Campinas a fim de participar da fundação do LUME. Em um salão paroquial da Vila Santa Isabel, os dois deram início aos treinamentos desenvolvidos e transmitidos até hoje pelo LUME, como a Dança Pessoal e o Treinamentos Energético e Técnico do Ator. Em 1985, junto de Simioni e da musicista Denise Garcia, Burnier funda oficialmente o LUME, que inicialmente designava Laboratório Unicamp de Movimento e Expressão. O primeiro resultado da pesquisa da Dança Pessoal é o espetáculo “Kelbilim – o Cão da Divindade”, solo de Simioni, com direção de Burnier e direção musical de Denise Garcia. Três anos depois, também passa a fazer parte do LUME o ator Ricardo Puccetti. Burnier, Simioni e Puccetti traduziram para o português os livros “A Arte Secreta do Ator” e “Além das Ilhas Flutuantes”, ambos de Eugenio Barba, lançados pela Editora HUCITEC/UNICAMP.

Em 13 de fevereiro de 1995, Burnier morre aos 38 anos de idade, de infecção generalizada. Seu pai escreveu: “Luís Otávio tinha completado o seu ciclo! A vida nossa não é senão o lapso de tempo que nos é dado para depositarmos o nosso dom. O meu Luís o fez, e com que desprendimento e generosidade, na alegria e na singeleza”.

A partir de 2018, na cidade de Porto Alegre desenvolvo atividades pedagógicas no Via Expressa Coletivo Teatral, no qual Carlos Simioni, ator pesquisador, coordena e aborda suas pesquisas desenvolvidas no Lume, sobre a presença do ator, emanção de energia, a construção do corpo interior, e a estrutura física da voz. A presença diz respeito a algo íntimo, uma pulsação que transpassa e percorre toda a ação cênica. Neste grupo temos encontros periódicos e trabalhamos a dilatação do corpo, a expansão da energia no espaço, o campo magnético, a transformação do peso do corpo em energia, a ação energética e a construção da presença cênica como princípios da irradiação do campo de força, elementos técnicos desenvolvidos LUME durante décadas de pesquisa teatral.

O encontro com o mentor Carlos Simioni me aproximou de outras pessoas que também assumiram um papel importante em minha trajetória de vida e acadêmica a professora Celina Alcântara e o professor Gilberto Icle, meus colegas no DAD nos anos 80 e no Núcleo de Investigação Usina do Trabalho do Ator. Segundo a tese de Ana Cecília Reckziegel (2014, p.13):

¹ <http://www.lumeteatro.com.br/o-grupo/historia/luis-otavio-burnel>

O Núcleo de Investigação Usina do Trabalho do Ator - UTA foi criado em 1992, a partir de um projeto da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, criado e coordenado por Maurício Guzinski, Diretor da então Oficina Teatral Carlos Carvalho, com o objetivo de formar um núcleo de pesquisa teatral. O projeto desenvolveu-se por dois anos a partir da seleção de atores através de concorrência pública durante os quais os atores desenvolveram seus projetos de pesquisa.

Três décadas depois, ambos se tornaram meus mestres quando retorno ao curso de Licenciatura em Teatro como diplomada em 2019, foi uma emoção muito grande reencontrá-los, agora assumindo o papel de meus professores. A professora Celina Alcântara na disciplina Encontro de Saberes, com o intuito de promover a interculturalidade dentro da universidade, os responsáveis pela disciplina trazem à aula mestres indígenas e afrodescendentes, para compartilhar com os alunos suas vivências e experiências.

Em 2022, Reencontrei o professor Gilberto Icle na disciplina de Estágio de Docência I, na qual ao final do semestre propus, implantei, executei planejamento pedagógico na área de teatro nas séries finais do Ensino Fundamental da educação de Jovens e Adultos – EJA, no Colégio de Aplicação da UFRGS. Também, produzi uma reflexão teórica sobre o exercício da prática docente, amparada em referências contemporâneas, exercitei a experimentação e integração com a comunidade da escola campo de estágio. Foi uma experiência gratificante, uma turma maravilhosa, a professora referência Ana Fuchs uma parceira maravilhosa.

Percebam que após passar pelo Estágio de Docência I e II, minha percepção desta experiência é absolutamente positiva, o que não significa que durante o processo tudo tenha sido harmônico, mas os desafios propostos hoje, os compreendo como necessários para o meu crescimento como pessoa e como profissional. Por exemplo, eu tinha convicção que ao propor atividades sobre a presença do ator, emanção de energia, a construção do corpo interior seria um instrumento importante para as aulas de teatro. Porém, o professor Icle me questionou se isso faria sentido para os estudantes, o que me obrigou a descobrir uma forma bem didática e lúdica de organizar as aulas, com atividades bem práticas e divertidas para trabalhar conceitos que eu já havia vivenciado, mas nunca transmitido.

Minha experiência de trinta anos como professora foram fundamentais para eu me sentir segura e confiante, mas minhas aulas na Licenciatura em Teatro foram essenciais para a construção do que me tornarei uma Professora de Teatro. O professor ICLE (2010, p. 23), nos faz refletir tanto quando estamos no papel de professor ou de estudante, sobre as funções que a atividade teatral pode assumir:

O teatro como ferramenta de liberação dos corpos tolhidos pela mecanização do cotidiano, como instrumento de conscientização, como modelo de vivência grupal, como forma de integração dos indivíduos numa vida mais regrada e adaptada, como garantia de sucesso aos bens culturais de um povo, eis algumas das funções que a atividade teatral tem cumprido em

diferentes lugares, em diversos discursos em variados projetos de libertação do homem.

O mentor deseja mudar o mundo a partir das pessoas que toca, podemos dizer que nós somos a soma de nossos encontros, na Universidade e na vida. Eu teria uma dezena de outros mentores e outras mentoras que me influenciaram, por exemplo, Paulo Freire, Silvio Gallo, Gilles Deleuze, Carl Rogers, Hannah Arendt, Anthony Artaud, Michel Foucault, Leonardo Boff, Angela Davis, Augusto Boal, entre outros. Nas palavras de Igor Teo² sobre que “O eu é um outro”:

O psicanalista Jacques Lacan dizia que "o Eu é um Outro". A frase, de sonoridade quase mística, significa que nossa identidade - quem pensamos ser, e aquilo que achamos muitas vezes ser nossa mais íntima essência - possui uma relação de exterioridade a nós mesmos. Freud, o criador da psicanálise, já dizia que a personalidade é um ideal. Quando éramos crianças, nossos pais, educadores ou outros adultos responsáveis pela nossa criação, se esforçaram em nos ensinar a forma como devíamos nos comportar. Diziam como deveríamos agir e o que desejar, repreendiam nossas ações e intenções inconvenientes, associando-as a culpa. Tais demandas do Outro criam a consciência de um ideal no sujeito, de uma personalidade ideal.

Uma grande amiga minha me questionou sobre o que eu pretendia ao retornar para um curso que eu abandonei a tantos anos atrás, na hora eu não gostei da pergunta, mas ela me fez pensar. Hoje eu sei que a minha intenção era subir as escadas do prédio do DAD, pegar pela mão aquela Cláudia assustada e libertá-la ao concluir esta etapa que foi deixada incompleta, preencher este vazio e realizar o desejo de meu velho pai de me ver como Professora de Teatro. Leia com atenção o trecho a seguir de FREIRE (1996, p. 16), eu faço minhas as palavras dele:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Finalmente, eu me assumo como uma professora pesquisadora, de teatro, da minha prática docente e ao mesmo tempo de mim mesma. Pois, uma característica comum a todos os meus mentores e minhas mentoras é o Cuidado, consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Minha missão com a Humanidade é ensinar e nesta relação aprender continuamente num ciclo sem fim. Para Leonardo Boff (1999), o cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado das outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Dizendo de outra forma, é um modo de ser-

² <https://medium.com/@igorteo/o-eu-%C3%A9-um-outro-4b3a147a4e82#:~:text=O%20psicanalista%20Jacques%20Lacan%20dizia%20que%20%22o%20Eu%20%C3%A9%20um,de%20exterioridade%20a%20n%C3%B3s%20mesmos>

no-mundo que estabelece as relações com tudo que existe de forma amorosa. Enfim, “Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade” (FREIRE, 1996, p. 36).

CAPÍTULO IV

A TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR E O VENTRE DA BALEIA – A Odisseia que durou trinta anos

Neste capítulo vamos abordar a parte da Jornada do Herói que fala sobre a Travessia do Primeiro Limiar. Geralmente, ela pode ser, a descoberta de um segredo, a aquisição de uma nova habilidade, ou até mesmo a mudança de lugar propriamente dita. No meu caso, e no recorte desta pesquisa, eu considero importante destacar não foi a travessia de um local físico, mas um retorno como estudante ao curso que eu sempre desejei fazer, de Licenciatura em Teatro, na UFRGS.

É preciso destacar as Travessia do Primeiro Limiar estão as Provas, os Aliados e as Aliadas e os Inimigos, as Inimigas. Agora que eu como heroína da minha própria narrativa, coloquei o pé na estrada rumo ao seu objetivo maior, eu comecei a me deparar com diversos desafios internos e externos, contratempos e obstáculos que, gradativamente, foram testando minhas habilidades e deixando-me mais preparada para as maiores provas que ainda estavam por vir.

Quando escrevo este texto, vem a minha mente, o fascínio que a história da Odisseia me proporciona, é um poema épico escrito pelo poeta grego da Antiguidade, Homero, criado provavelmente entre os séculos IX e VII a.C., narra as aventuras do herói Ulisses, durante dez anos após a Guerra de Troia, e seu regresso de volta aos braços de sua família e de seu povo, em Ítaca. Eu considero que a minha jornada levou trinta anos até o meu retorno ao Curso de Licenciatura em Teatro, como o herói eu também tive que fazer escolhas, sobre o amor, a vida dos mortais, viver o aqui e agora. Superar os desafios nem sempre é fácil, talvez para você também não seja, mas exige coragem enfrentar um mundo que não conhecemos.

Fazendo uma analogia, com a Jornada do Herói, em ciclos que repetem na vida da gente, eis um resumo da minha História Acadêmica. Após a realização do vestibular ingressei na Licenciatura em Educação Artística, com Habilitação em Artes Cênicas, em 1988/1. Minha saída para o Bacharelado em Artes Cênicas, na Habilitação em Interpretação Teatral, aconteceu em 1990/2, com minha formatura em 1994/2. Retorno a UFRGS em 2019/2, na Habilitação Licenciatura em Teatro. Percebo que as Provas que enfrentei, os Aliados e os Inimigos que encontrei falam sobre e quem são as pessoas com quem pude contar na minha jornada. Fui desafiada a me superar e de forma simbólica passar pelo Ventre da Baleia. Nas palavras da autora Jorgge (2023, p. 133), a passagem do Herói pelo Ventre da Baleia é o momento em que o protagonista atravessa suas primeiras provas:

Ele passa por um portal, fronteira ou túnel, superando muitas provas. Essas passagens são símbolos da purificação que o herói deverá sofrer. Ele precisará vencer essas provas para ser legitimado e passar para a próxima. Para evoluir, o herói precisa desapegar-se da identidade antiga e dos pensamentos ultrapassados. Ele está se aprimorando espiritualmente no processo.

O ponto de virada em minha vida foi aceitar o desafio de desempenhar a função de docente de Teatro na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, sem ter concluído a formação na área. As escolas foram ao mesmo tempo minhas Aliadas e minhas Inimigas. O aspecto positivo é que foi uma experiência responsável e segura em uma escola com acompanhamento pedagógico, com infraestrutura material, com turmas a minha disposição. Por outro lado, o aspecto não positivo é que eu não era na realidade uma professora de Artes, não possuía autonomia em meus planejamentos, tinha que me enquadrar em inúmeras formalidades e exigências.

Destaco que já havia atuado como professora de artes em uma escola da rede privada de ensino em Porto Alegre, antes de assumir na prefeitura, eu atendia um período de aula por semana em todas as turmas do antigo primeiro ano até a quarta-série. Nesta escola, as normas eram muito rígidas e qualquer ação fora do planejamento ou que originasse muito barulho, também não eram apoiadas. Mas, ao final do ano tínhamos uma Mostra Escolar e consegui desenvolver um trabalho com Máscaras Gigantes dos Sentimentos e as emoções dos estudantes ocuparam os corredores por uma semana. Foi uma Prova Justificar no planejamento, executar essa exposição enorme e que mobilizou praticamente toda a escola. Como meus Aliados eu tinha as alunas e os alunos que queriam muito compartilhar suas emoções.

Concomitante ao meu trabalho na rede privada de ensino, também trabalhei um ano em uma escola estadual no Bairro Vila Brasília, encaminharam minha Carta de Apresentação com a informação incorreta, não havia nenhuma turma para assumir no turno da manhã, então assumi como “professora de artes”, então atendia do antigo primeiro ano até a quarta-série, um período por semana. Tinha tudo para dar errado, mas era de certo, nessa escola eram mais receptivos a inovações e eu desenvolvia um projeto de Expressão Corporal baseado em minhas aulas no curso de Teatro. Foi um trabalho muito sensível, a respeito Reverbel (1997) fala da importância do uso do teatro no ensino:

O ensino do teatro é fundamental, pois, através dos jogos de imitação e criação, a criança é estimulada a descobrir gradualmente a si própria, ao outro e ao mundo que a rodeia. É ao longo do caminho das descobertas vai se desenvolvendo concomitantemente a aprendizagem da arte e das demais disciplinas. (pág.25)

Por isso, eu buscava aliar o pouco conhecimento de didática que eu possuía a minha prática pedagógica no uso do teatro em sala de aula para que assim eu contribuísse para o

desenvolvimento das alunas e dos alunos proporcionado novas experiências. Desta forma percebi mesmo não tendo tido contato direto com o teatro para educadoras eu buscava as maneiras de melhor ensinar com projetos associados ao uso do teatro na escola. Numa articulação entre o conteúdo escolar imposto, a vida dos estudantes e estratégias de ensino que promovem aprendizado e prazer, pois eu já tinha clareza da importância do teatro como ação pedagógica.

Nesse sentido, os primeiros seis anos eu trabalhei na EMEF Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Bom Jesus. Eu cursava o Bacharelado em Artes Cênicas no DAD e fui convidada para assumir, naquela época as chamadas 5ª séries, eram seis turmas, lembrando que não era minha área de concurso e que eu não estava formada. Lembro que desenvolvi um projeto sobre um boneco fantoche tendo como base o uso de papel jornal e criamos cenas a partir do cotidiano dos estudantes, as aulas eram sempre uma alegria e uma emoção.

Eu estava nesse ambiente escolar com suas as regras, as normas de funcionamento e eu reagia a essas imposições. Seguia com o curso de Bacharelado em Teatro, com carga horária de vinte horas na escola municipal, correndo para o centro da cidade para cumprir as disciplinas, mas com pouca disponibilidade para outras atividades na área teatral. Quando me formei no Bacharelado em Interpretação Teatral, foi com um trabalho final sobre a vida de Camille Claudel, com orientação da professora Lúcia Raimundo, que já está em outra dimensão, mas que me ensinou muito sobre generosidade e o poder transformador de estar presente numa encenação teatral. Algumas professoras são decisivas na vida da gente, mas só percebemos a importância delas algum tempo depois, quando amadurecemos para compreender as lições ensinadas.

Esse foi meu ponto de virada, encerrei um ciclo da minha história e estava começando um novo. Esse foi o momento da tomada de decisão, eu tinha de decidir se seguia na área de teatro ou não, apareceram alguns obstáculos internos e externos. Aparece aquela pessoa falando, mas você tem certeza de que quer ser atriz, talvez não vá ganhar dinheiro nenhum, você vai se machucar, mas não é muito insegura essa profissão e os próprios medos das vozes internas dizendo tudo isso. Como um inimigo tentando matar-me literalmente, eu desisti de tudo e fui cursar Licenciatura em Pedagogia, em uma faculdade privada.

Eu poderia supor que o Curso de Pedagogia seria uma distração provocada pelo inimigo, que me afastaria para sempre do Chamado Inicial de ser Professora de Teatro. Ou seja, as “forças do mal” começavam a agir e me colocariam em situações de testes não de vida ou morte e sim testes que estão ali só para provar a mim mesma que ainda dá tempo de voltar atrás em minhas decisões. Este curso testou novamente minhas convicções, meus

valores ao longo de quatro anos, com momentos bons para explorar meus conhecimentos em didática, psicologia, metodologia, entre outros, para aguçar minhas habilidades docentes. Esses testes abriram novas oportunidades, me fortaleceram, me prepararam para que eu estivesse mais e mais forte até chegar no grande clímax no confronto final que virá mais adiante na jornada.

Ao mesmo tempo, me fez perceber que eu precisava melhorar, me transformar para o confronto final. O escritor Christopher Vogler, no livro “A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores” (2006), tem um conceito que ele chama de “lugar de beber água”, um momento na trama, aqui no caso na minha história de vida, em que eu me sento para tomar água, descansar para continuar no dia seguinte, tomar decisões e começar a pesar as perdas e ganhos dos teus primeiros passos, comecei a repensar o propósito de minha existência. Foi necessário alinhar um pouco o meu pensamento, e então seguir adiante, para mim o Curso de Licenciatura em Pedagogia foi literalmente uma parada para recuperar o fôlego.

CAPÍTULO V

APROXIMAÇÃO DA CAVERNA OCULTA, PROVAÇÃO SUPREMA E RECOMPENSA –

Quem espera sempre cansa, quem vai à luta pode se molhar

Neste capítulo abordarei a Aproximação da Caverna, a Provação Suprema e a Recompensa, sobre como retomei meus questionamentos iniciais e enfrentei os medos que me impediam de iniciar minha jornada. A Aproximação da Caverna Oculta é uma pausa necessária para enfrentar a magnitude do desafio que estava por vir e essa parada foi utilizada para que eu me preparasse melhor para ele. Sabe o recuo do mar antes da onda? É nesse ponto que eu cheguei, me recolhi num esconderijo, parte interior e parte exterior, considero este momento a realização das disciplinas do curso.

Depois que eu passei por diversos desafios, como derrotar meus inimigos internos e externos e retomei meu curso na universidade, eu mereço uma recompensa, você não acha? Essa recompensa simboliza a minha transformação em uma pessoa mais forte e pode ser representada pela conquista do Diploma que para mim tem um grande valor, a reconciliação com a Cláudia que abandonou tudo no passado e agora retorna mais forte e confiante. Mas vale lembrar, que minha jornada ainda não terminou.

Agora vamos falar sobre o sétimo passo da minha Jornada da Heroína que é chamada de Aproximação da Caverna Oculta, seguindo os passos anteriores eu já cheguei ao Novo Mundo, onde viverei minha aventura, já tive a oportunidade de conhecer os meus aliados os meus inimigos, entender as regras do jogo no DAD. Já estava um pouquinho mais confortável ali dentro, não me sentindo mais tão estranha naquele lugar, estava começando o meu caminho rumo a Aprovação Suprema que é o próximo passo.

Se pensarmos na minha jornada como a Escalada de uma Montanha rumo ao topo eu já não me encontrava nem na base da Montanha e nem no ápice, eu estava no meio do caminho. Já passei pelas primeiras dificuldades de me inscrever, passar pela seleção e ser escolhida como aluna no Ingresso de Diplomada. Mas, ainda não cheguei na fase mais difícil da Montanha no topo que é receber o Diploma. Já atravessei a Fronteira e estava trilhando o meu caminho rumo ao centro deste mundo que é onde o maior perigo me aguarda, o grande confronto, a grande provação do Estágio de Docência. O escritor Vogler (2006, p. 146), no livro a “Jornada do Escritor”, faz comparações que eu acho bem interessantes e podem servir como uma metáfora para nossas vidas:

Os heróis, depois de se adaptarem ao Mundo Especial, agora seguem para o seu âmago. Passam para uma região intermediária, entre a fronteira e o próprio centro da Jornada do Herói. No caminho, encontram outra zona misteriosa, com seus próprios Guardiões de

Limiar, seus próprios testes. É a Aproximação da Caverna Oculta, onde, finalmente, vão encontrar a suprema maravilha e o terror supremo. É hora dos preparativos finais para a provação central da aventura. A esta altura, os heróis são como alpinistas que já subiram até um acampamento básico, por meio dos trabalhos dos testes, e agora vão fazer o assalto final ao ponto culminante.

Quais seriam os preparativos para a minha Provação? A Aproximação da Caverna Oculta pode ser a hora de complementar os seus conhecimentos, reunir mais informação, um momento de simbolicamente se vestir e se preparar para uma provação. Os pistoleiros verificam as armas, os toureiros vestem cuidadosamente os seus trajes coloridos, eu realizei as disciplinas do curso. Fui me preparando, adquirindo habilidades didáticas, afiando minhas espadas emocionais e físicas. Já me preparei por quatro anos, já tive aulas, já tenho diploma de Interpretação Teatral e de Pedagogia, eu sabia o que me esperava, o momento não havia chegado ainda, mas eu acreditava estar preparada.

Na universidade, durante as disciplinas, professores e estudantes compartilham suas experiências, saberes, anseios e dúvidas ensinam e aprendem, edificando suas aprendizagens. Destacarei algumas disciplinas que avalio que foram importantes na minha Jornada de Heroína, que me permitiram ter uma nova percepção de mundo, uma nova visão a respeito do que significa ensinar Teatro. Eu já estava diferente, mas não havia concluído minha evolução, eu ainda não estava pronta, mas já começa a dar os primeiros sinais de mudança. Vou relatar em uma ordem cronológica as experiências que vivi.

A disciplina Encontro de Saberes, com a professora Celina Alcântara, com o intuito de promover a interculturalidade dentro da universidade, os responsáveis pela disciplina trazem à aula mestres indígenas e afrodescendentes, para compartilhar com os alunos suas vivências e experiências, reforçando esta ideia, segundo Romani, Rajobac (2011, p. 68):

A interculturalidade na educação aparece como uma proposta pedagógica que busca desenvolver relações de cooperação, respeito e aceitação, entre diferentes culturas e sujeitos, visando dessa forma, preservar as identidades culturais, com o objetivo de propiciar a troca de experiências, e o enriquecimento mútuo.

A cada nova e novo Mestre que conheci na sequência das aulas me ajudou a ampliar minha visão de mundo e conhecer diferentes culturas, que algumas vezes estão em nossa cidade, mas não temos aproximação. As dinâmicas de apresentação dos temas eram envolventes, como por exemplo, provar um prato típico da cultura indígena, ouvir sobre os mitos africanos, conhecer um autor com enredos de personagens que vivem na periferia.

Na disciplina de Laboratório de Arte da Performance, que aconteceu de forma não presencial, com o professor João Carlos Machado, no período letivo 2021/1, na forma de experimentações a partir de práticas, conceitos e noções da arte da performance e outros

gêneros afins. O professor Chico, como é conhecido, criou uma metodologia particular, na qual parte da experiência dos estudantes para apresentar artistas obras e textos sobre o tema com exemplificação iconográfica e videográfica para a ampliação de nosso repertório de referenciais artísticas. Conceituações e mapeamento dos diversos modos de manifestação performática nas artes surgiam a partir de alguma referência que a performance nos suscitava. A proposição de exercícios práticos através de vídeos despertou em mim, o desejo de liberar minha criatividade. O acompanhamento, orientação coletiva e individual para a realização dos trabalhos me revelou como um professor pode ser inspirador para as aprendizagens em sala de aula, fortalecidas pela troca de experiências entre os participantes.

Aprendi com o curso de Licenciatura em Teatro, que os professores ensinam de várias formas, pelo seu jeito de ser e de pensar. O professor Mesac Roberto Silveira Júnior me ensinou muito sobre as artes cênicas, poesia, filosofia, música, mas a maior lição foi sobre Liberdade. A disciplina de Metodologias de Pesquisa em Artes Cênicas, foi muito importante, pois ficamos muito à vontade para escolher o melhor método e conteúdo adequado para nossa proposta de projeto final, tivemos o equilíbrio perfeito entre aprender as formalidades para uma melhor organização de nossas ideias e ampliação de nossas informações sobre pesquisa em Teatro.

Na disciplina de Laboratório de Prática Cênica – Cabaré e Burlesco, com o professor Responsável, Henrique Saidel, realizamos o estudo e experimentação de possibilidades de linguagens, processos e técnicas de encenação, criação e montagem cênicas com a linguagem performática e convival do Cabaré e do Burlesco. Durante as aulas, cenas surgiram no cruzamento entre linguagens como teatro, performance art, dança, artes visuais, música, literatura e afins, com especial atenção às questões políticas implicadas.

Pensando no meu futuro como professora de Teatro, na disciplina sobre Cabaré e Burlesco tive a oportunidade de desenvolver técnicas de composição de dramaturgia, de procedimentos de ensaio, de preparação, de experimentação, bem como de criação de confecção de figurinos, maquiagem, sonoplastia e outros elementos, a partir de diferentes referências da cena cabareteira e burlesca contemporânea. Refleti sobre o trânsito entre pesquisa, docência, criação artística, e seus impactos na produção artística. Neste sentido, PUPO (2001, p.32), nos alerta que devemos reforçar a relação entre arte e pedagogia, assim sendo, o professor de teatro ganha mais um espaço para exercer o seu ofício e a escola ganha ao ter um profissional com um trabalho artístico de qualidade:

Muitos dos diretores responsáveis pelas grandes transformações teatrais do último século, tais como Stanislavski, Grotowski ou Barba de certa forma foram também pedagogos. De modo radical eles sempre associaram a depuração de sua arte ao desenvolvimento pessoal

daqueles que a praticam.

Chegamos ao nono passo da minha Jornada da Heroína, conhecido como a Recompensa, depois que eu superei vários desafios, atingi meus objetivos e por isso recebo um “merecimento”. Nessa fase, estou colhendo o que plantei é o momento em que encontrei obstáculos e aquilo que cultivei no passado colherei. Encontrei uma facilidade em prol daquilo que plantei de bom no meu caminho e chegou na forma de uma publicação, o livro “Ideias extraordinárias fazem dinheiro: Aprenda a contar histórias de modo estratégico para influenciar pessoas e fazer grandes negócios”, da professora Adriana Jorge.

Esse livro me fez pensar na minha própria vida acadêmica, em especial no capítulo que apresenta A Jornada do Herói, o trabalho desenvolvido por Joseph Campbell. Essa leitura me inspirou a escrever a minha própria jornada neste trabalho final, organizando minhas ideias, a ter noção daquilo que me aguardava, ter entendimento daquilo para o que eu estava caminhando, perceber que esse lugar não é só feito de mar de rosas que tem os seus espinhos, já estou um pouco mais acomodada, um pouco mais adaptada, então me fez pensar sobre todo o caminho que eu trilhei até chegar na provação final, o Estágio de Docência.

Encontrei na professora Adriana Jorge uma Aliada, que finalmente me ajudou a compreender uma lição que estava tentando ser ensinada na minha vida inteira e que eu não conseguia enxergar. Quando finalmente pude perceber quanto eu fui tola ao abandonar a Licenciatura em Teatro anos atrás, me trouxe a realidade e eu pude sair daquele estágio de ignorância em relação aos meus sentimentos, enfim percebi que o momento é de celebração na busca desta conquista acadêmica.

Retomando a Jornada da Heroína, após a Aproximação da Caverna Oculta vem a Provação. A provação foi uma espécie de morte pela qual eu tive de passar para cumprir o meu destino. Para isso, eu não passei por um teste físico de extrema dificuldade, não enfrentei um inimigo letal, mas passei por um conflito interior e exterior ao mesmo tempo. A minha Provação no Curso de Licenciatura em Teatro foi o Estágio de Docência. Eu me sentia capaz de enfrentá-lo, reunindo todos os conhecimentos e experiências adquiridos durante a minha jornada até aquele momento. Essa provação teve um significado de transformação e, posso comparar a uma ressurreição para uma nova vida.

CAPÍTULO VI

CAMINHO DE VOLTA, RESSUREIÇÃO E RETORNO COM O ELIXIR – Estágio de Docência e a mediação entre a teoria e a prática

Neste capítulo vamos abordar O Caminho de Volta, a Ressurreição e o Retorno com o Elixir, são os passos finais de minha Jornada da Heroína. O caminho de volta para casa não oferece tantos perigos, mas sim um momento de reflexão, em que eu fui exposta à necessidade de uma escolha entre a realização de um objetivo pessoal ou um bem coletivo maior.

Vou considerar os Estágios de Docência como a escolha pelo bem coletivo maior, pois, tive a oportunidade de vivenciar a mediação entre a teoria e a prática, onde a sensação de perigo iminente, de insegurança é substituída pelo sentimento de missão cumprida, aceitação e reconhecimento pelos demais colegas e professores. A Ressurreição, será a última batalha em que o “inimigo” ressurgiu quando mais ninguém esperava por isso, nem mesmo eu. Esse desafio é algo que vai muito além da minha vida, representando um risco temerário para o curso de Licenciatura em Teatro, o Colégio de Aplicação da UFRGS, os professores, a comunidade escolar, os estudantes, enfim, se eu fracassar, todos sofrem as consequências.

É nesse ponto que eu pude destruir o meu inimigo definitivamente, e posso, de facto, renascer para uma nova vida, totalmente transformada. O Estágio de Docência I e II, como componente curricular da formação docente promove a mediação entre a teoria e a prática. Essa relação prática-teoria-prática apresentou grande valor na minha formação como professora de Teatro, visto que promoveu a compreensão do conceito de unidade e eu apliquei os conhecimentos adquiridos da melhor forma possível para aquele momento.

Durante o Estágio de Docência em Teatro I e o Estágio em Docência em Teatro II, ambos durante o ano de 2022, me propiciou participar das reuniões individuais e coletivas de orientação, planejar e executar um projeto pedagógico em teatro na Educação de Jovens e Adultos – EJA, nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, no Colégio de Aplicação da UFRGS, na cidade de Porto Alegre. Particpei de atividades de observação, docência e integração com a gestão e a comunidade escolar, entreguei um relatório pormenorizado com a descrição da prática, a análise e avaliação das atividades desenvolvidas durante os dois semestres. Os estágios na minha vida acadêmica foram momentos relevantes, pois foi uma forma de aplicar meus conhecimentos acumulados durante o curso na realidade da escola, com o auxílio de professores experientes que proporcionam orientação e assistência na solução de questões inerentes ao processo de planejamento, de execução e

de ensino e aprendizagem. Em outras palavras o professor Gilberto Icle (2011, p. 77), nos apresenta o conceito de noções, ele foi o professor responsável pelo Estágio de Docência I:

Nesse jogo sem fim, a tarefa do professor-diretor não poderá ser outra senão criar juntamente com os alunos-atores. Desfaz-se, assim, as hierarquias mais rígidas, todos são criadores e a tarefa coletiva do teatro na educação escolarizada pode ser circunscrita no dever de multiplicar as noções. As noções nunca cabem em si mesmas, elas necessitam sempre o trabalho de noções correlatas, derivadas ou opostas. Elas têm vocação a se multiplicar: cria-se uma noção a partir de outra. E o que nos restaria, a nós professores de teatro, senão multiplicar as noções teatrais?

Já no Estágio de Docência II, com a professora responsável Rossana Perdomini Della Costa Vellozo conheci a noção de professor artista, sobre uma relação entre os desejos de saber do aluno e os desejos do professor. É a partir desta ideia que se torna possível entender professor artista não como uma pessoa, mas como esse espaço em formação, esse canal que possui a potencialidade de transformação do espaço da sala de aula, em um lugar de experimentação. Para ela é nesse espaço entre um e outro, que reside a singularidade desse processo. Na busca pelo equilíbrio entre os saberes artísticos e os saberes pedagógicos e sua proposta formativa está explicitamente organizada em torno do vocábulo professor artista, que consta na pesquisa que desenvolveu no curso de Graduação em Teatro: Licenciatura da UERGS.

Se o principal objetivo do estágio de docência era proporcionar para mim os instrumentos de preparação para a introdução e inserção no mercado de trabalho, consegui plenamente mediante ambiente de aprendizagem adequado e acompanhamento pedagógico supervisionado pelos professores. Em minhas práticas nos estágios pude vivenciar a articulação entre os conhecimentos aprendidos e como utilizá-los em sala de aula, segundo Pimenta e Lima (2006 p. 11):

A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de se explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). Para tanto, necessário se faz explicitar o conceito que temos de teoria e prática.

Nesse momento pude construir esse aprendizado durante os dois estágios, que para mim funcionam exatamente como a mesma experiência em dois momentos, consegui uma aproximação com a realidade na qual um dia atuarei como professora de teatro. Para isso, se faz necessário que aconteça o que Freire propõe em relação à docência, ao dizer que ensinar exige reflexão crítica sobre a própria prática. Em suas palavras, “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (Freire, 1996, p. 39).

Eu como estagiária me vi diante de situações e desafios nunca antes vivenciados, embora eu tenha estado por muitos anos como professora na escola regular, mas não na condição de professora de teatro. Na condição de docente/estagiária senti uma liberdade e ao mesmo tempo um apoio muito grande de meus professores orientadores e da professora referência das turmas, consegui um equilíbrio entre as demandas dos estudantes como a dos docentes.

Para mim os Estágios de Docência I e II, foram como um espaço para a transformação da minha pessoa, uma emancipação da professora que eu era na professora que eu poderia vir a ser, e conseqüentemente uma Ressurreição simbólica. Nesse processo de metamorfose, a base para desenvolver essa mudança foram minhas práticas de anos em sala de aula, meus estudos em teatro que venho desenvolvendo no decorrer da minha existência, os ensinamentos no curso de licenciatura, na qual, eu pude refletir sobre a minha prática como professora de teatro como um processo, ou seja, algo inacabado que estará constante transformação, assim como a minha pessoa.

Sobre a Ressurreição vamos imaginar na nossa Jornada da Heroína o dia a dia uma professora de teatro, sempre vai haver provações e logo em seguida pode haver recompensas. Vem a recompensa e você comemora, você fica feliz, é aquela alegria quando todos os estudantes participam da atividade de improvisação, quando todos vão com você ao Teatro São Pedro assistir um espetáculo lindo, quando todos se mobilizam para execução da Mostra Augusto Boal no final do ano, quando avaliam que o seu trabalho de estágio foi significativo para eles. Eu vivi estas delícias no Estágio de Docência, hoje sei o que é realmente importante para mim: despertar “o gosto pelo teatro”, nas palavras de Desgrandes (2010, p. 159):

Torna-se relevante, assim, que um projeto de formação de espectadores compreenda atividades que despertem nos participantes o gosto pelo teatro, o desejo do gozo estético, a vontade de conquistar o prazer da autonomia interpretativa em sua relação com o espetáculo. E, para que isso aconteça, pode ser conveniente instaurar um processo pedagógico que possibilite aos espectadores em formação a apropriação da linguagem teatral. Um processo em que a fome de teatro seja despertada pelo próprio prazer da experiência.

Hoje eu ainda não sei definir esse novo eu, não sei exatamente em quem eu me tornei como professora, elaborei muitos sentimentos, adquiri novas habilidades, me sinto uma nova pessoa que precisa agora exercer este novo ofício, não como uma atitude heroica, mas como alguém que aprende algo e deseja exercitar. Com emoção compartilho o Parecer da Professora Supervisora Ana Carolina Muller Fuchs Porto Alegre, em 18 de outubro de 2022, do Colégio de Aplicação da UFRGS:

A acadêmica Cláudia Machado realizou seu estágio nas turmas EM1, 2 e 3 da EJA, de agosto a outubro de 2022. A estagiária apresentou o plano de trabalho com antecedência e esteve

aberta para os debates e alterações necessárias ao longo do período. Seu plano de estágio tinha como foco o trabalho de Augusto Boal, tanto no que se refere a teoria como a prática. A aluna desenvolvia três períodos em cada encontro, sendo o primeiro de apresentação das ideias e vídeos sobre a obra de Augusto Boal e os outros dois períodos experimentando as práticas propostas pelo teatrólogo. Ao longo das aulas, foi possível perceber seu empenho e o aprofundamento das propostas. Extremamente dedicada ao grupo de alunos, além das aulas com as turmas do ensino médio também colaborou com algumas aulas de teatro da alfabetização. Ao final do trabalho de estágio promoveu uma mostra das cenas desenvolvidas pelos alunos. É importante dizer que Cláudia além de assídua e pontual, apresentando os planos de aula com antecedência, foi extremamente participativa em todas as demandas do estágio. Acompanhando-a foi possível perceber sua evolução na preparação de diversos tipos de materiais para as aulas e na busca de referencial teórico para dar suporte ao trabalho. A estagiária finaliza o estágio com uma relação forte e afetiva com o grupo de estudantes.

Como podem ver chegou o momento do reconhecimento efetivo da minha Jornada de Heroína, quando retorno ao meu local de origem como estudante de licenciatura em teatro e alcancei o meu sucesso, conquista e mudança materializados nas palavras deste parecer. Aqueles que nunca acreditaram em mim ou mesmo os que tentaram de alguma forma me diminuir ou me prejudicar não tiveram êxito, além de ficar muito claro para todos que as coisas nunca mais serão as mesmas para mim.

O último e décimo segundo passo é o Retorno com o Elixir, será o momento em que eu chegarei na minha comunidade, na minha família, no meu mundo familiar, porém desta vez eu estarei transformada. Às vezes esse elixir de fato é algo que pode ajudar minha comunidade, às vezes é a lição que eu aprendi, no meu caso são ambos. Na minha História Acadêmica o Diploma de Conclusão da Licenciatura em Teatro é o Elixir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os nossos projetos precisam ser concluídos, embora considere que a sua conclusão não signifique o final das ideias e reflexões ali contidas, mas uma abordagem reflexiva dos caminhos percorridos. O Trabalho de Conclusão que agora se conclui, aponta para novas direções que podem ser concebidas no ato mesmo de concluir a relação entre minha escrita e a Trajetória da Heroína durante mais de trinta anos.

A motivação inicial para elaboração deste trabalho foi a de alcançar os objetivos principais de desenvolver uma relação entre a Jornada do Herói, de Joseph Campbell, e minha vida acadêmica no Curso de Licenciatura em Teatro para isso descrevi minha Jornada da Heroína e destaquei as aprendizagens desenvolvidas o que gerou uma análise teórica relacionando os conhecimentos apreendidos e minha formação como professora.

Esse estudo me fez constatar os subsídios e habilidades formativas existentes para o exercício de ser professora de teatro que a Licenciatura de Teatro me possibilitou, e ao mesmo tempo a necessidade de compreender o fazer docente como uma construção de mim mesma. Outras dimensões poderiam ter sido elencadas, mas constituiriam uma temática mais ampla, que não comportaria aqui fazê-lo.

O enfoque dessa investigação foi analisar minha caminhada no curso e suas contribuições na minha formação na área de teatro, compreendendo o Estágio de Docência como uma atividade de culminância e como uma ação que acarretou uma atitude investigativa. Essa atitude tornou-se formativa para mim, uma vez que pude averiguar, pensar e interferir em todos os âmbitos de minha vida, como um campo de experimentação do que havia aprendido como estudante.

Ao descrever minha Jornada como Heroína, utilizando minha trajetória acadêmica me levou a perceber que o Curso de Licenciatura em Teatro possibilitou a formação da professora, mas principalmente, a minha formação como Ser Humano. O desafio foi em que em se tratando de um retorno, eu necessitei compreender esse momento como oportuno para realizar uma pesquisa e reflexão de minha identidade, tendo o DAD como lugar para construir, o que podemos chamar de uma nova Cláudia. Além disso, proporcionou uma reflexão de elementos que compuseram a reflexão teórica sobre ensinar teatro, sendo, a dicotomia entre a teoria e a prática inexistentes, a confirmação de sua indissociabilidade por meio da práxis, e concomitantemente, o curso como um lugar de experimentação de nossos limites e conhecimentos.

Assim, como num ciclo sem fim, esses novos nascimentos devem ser contínuos, pois paulatinamente vamos constituindo nossa identidade como futuros professores de teatro. Isso tudo ocorre porque estão ligadas diretamente as experiências e as relações no desenvolvimento das disciplinas, em especial, no estágio de docência.

Dessa forma, os dilemas que perpassam o curso me direcionaram a reconhecer a importância dos componentes curriculares, que devem ser compreendidos como atividades formativas, fundamentais no tornar-se professor de teatro, pois contribuíram para o meu entendimento da concepção do meu trabalho futuro como docente e minha formação como pessoa. Assim, a aprendizagem foi possível quando eu me deixei envolver e aprender ao longo do processo.

O desafio como estudante, observar cada aula como uma nova oportunidade de absorver elementos, conhecimentos e experiências, as quais nos tornarão melhores. O autor Freire (1996), afirma que sendo conscientes do nosso inacabamento, revelamos uma visão sobre a prática docente a qual revela-nos os saberes que lhe são inerentes ao ofício. Assim, o conhecimento da ação docente é formado por saberes, sejam eles produzidos pelos próprios professores no exercício da docência ou que lhes são externos, produzidos por outrem.

Com esse entendimento, reconheço que o Curso de Licenciatura em Teatro apresentou uma diversidade de saberes sobre Teatro e sobre inúmeras e incontáveis outras áreas de conhecimento, compreendendo-os como saberes necessários para os futuros docentes. Esses saberes são adquiridos e apropriados por nós estudantes em diferentes situações e se firmam em concepções teóricas que orientam a prática pedagógica desenvolvidas pelos professores.

O meu olhar, através desta Jornada da Heroína, me fez compreender os saberes necessários para formação docente produzidos nas vivências do Curso de Licenciatura em Teatro, foi um momento de reflexão sobre o ensinar e o ser professora, apropriando-me da práxis docente na construção da minha identidade. O estágio de docência, neste enfoque, foi rico de possibilidades de produção do saber, e caracterizou-se como sendo de natureza social, relacional, plural, diversificado e temporal, deixando as suas marcas em mim.

Ao concluir este trabalho penso que no seguimento desta escrita, poder-se-ia focalizar nas significações das diferentes jornadas dos/as estudantes e dos/as educadores/as, investigando os diferentes significados que são construídos no Curso de Licenciatura em Teatro. Escrever possibilitou-me achar algumas respostas, mas com certeza suscitou muito mais perguntas, num processo infundável da compreensão do ser humano quando frequenta

um curso superior e as inúmeras dimensões que pode assumir em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido. (orgs.). **Estágios Supervisionados na Formação Docente**. São Paulo: Cortez, 2014.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- BOFF Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano compaixão pela terra**. Petrópolis (RJ): Vozes; 1999.
- BOLZAN, Dóris P. V. **A construção do conhecimento Pedagógico compartilhado: um estudo a partir de narrativas de professoras do ensino fundamental**. Porto Alegre: Faculdade de Educação, UFRGS, 2001.
- _____. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos**.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949.
- _____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1988.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- COSTA, Rossana Perdomini Della. **Experiências de formação do professor artista**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – PPGEDU/UFRGS Mestrado – Teatro e Educação – IPA – Centro Universitário Metodista do Sul.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução de Ana Maria Machado. - 2.ed. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São.
- GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação voltada à singularidade: entre Nietzsche e Deleuze**. In: LINS, Daniel (Org.). *Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ICLE, Gilberto. **Pedagogia como cuidado de si**. São Paulo: HUCITEC, 2010
- _____. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro? **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 17.
- JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. Campinas: Papirus, 2001.
- JORGGE, Adriana. **Ideias extraordinárias fazem dinheiro: Aprenda a contar histórias de modo estratégico para influenciar pessoas e fazer grandes negócios**. São Paulo: Gente

Autoridade, 2023.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (Org.). **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002. N° 17 | Setembro de 2011 – Urdimento.

PEREIRA, M. V. **Nos supostos para pensar formação e autoformação: a professoralidade produzida no caminho da subjetivação**. In: **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Trabalho apresentado no 1. ENDIPE.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Além das Dicotomias**. In: Seminário Nacional de Arte e Educação. Educação Emancipatória e Processos de Inclusão Sócio-Cultural, 2001, Montenegro, RS. Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro, RS: Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2001.

RECKZIEGEL, A. C. **Função criação no trabalho coletivo teatral: um estudo com a Usina do Trabalho do Ator**. Tese – UFRGS. Porto Alegre. P. 13. 2014.

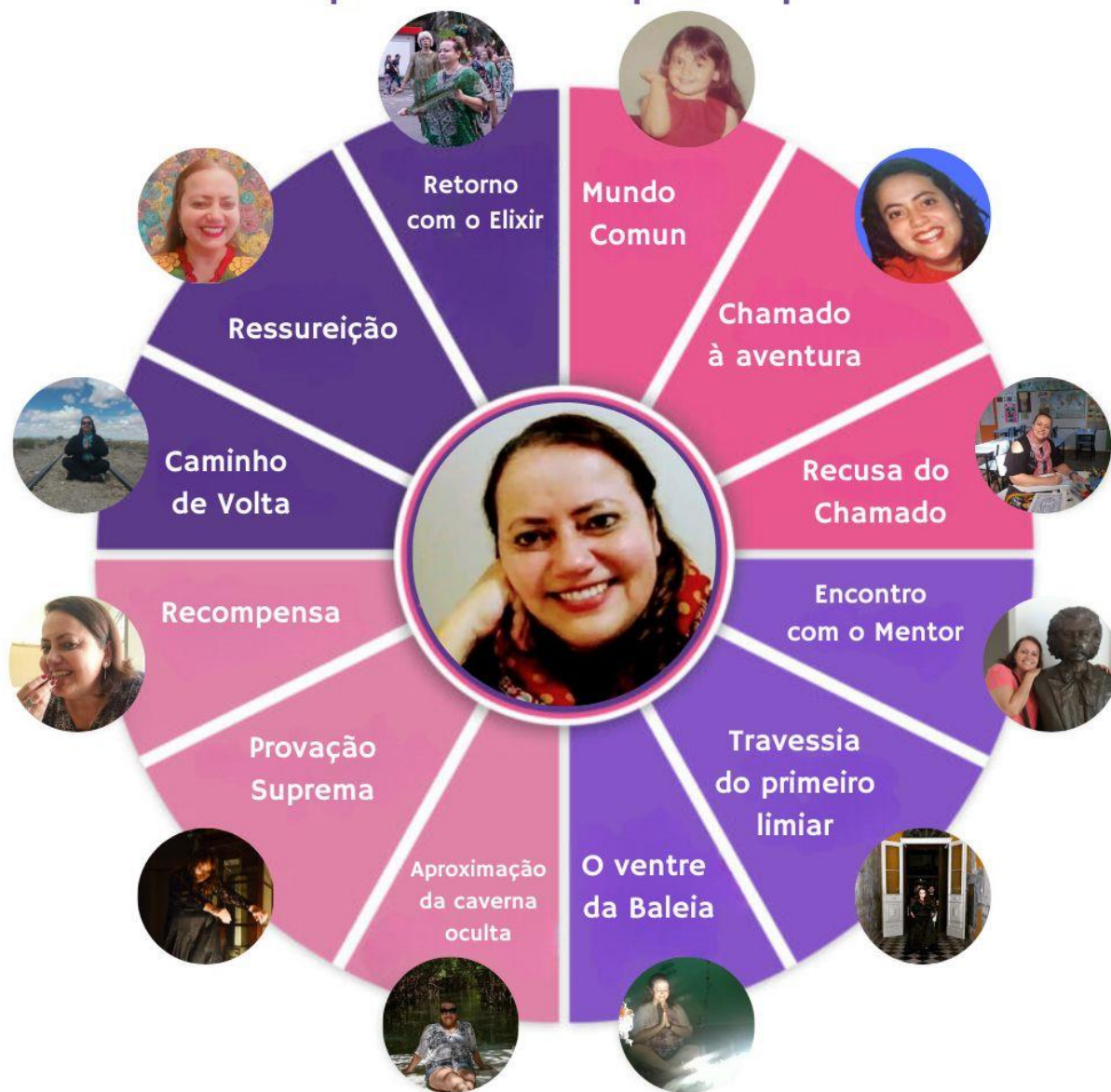
REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978. v. 11 n. 1 (2010): VI Congresso da ABRACE.

ANEXO B – MINHA JORNADA DA HEROÍNA CLÁUDIA MACHADO

Minha Jornada da Heroína Cláudia Machado inspirada em Joseph Campbell



ANEXO 2 – JORNADA DO HERÓI DE JOSEPH CAMPBELL



Fonte: JORGGE, Adriana. **Ideias extraordinárias fazem dinheiro: Aprenda a contar histórias de modo estratégico para influenciar pessoas e fazer grandes negócios.** São Paulo: Gente Autoridade, 2023 (p. 128).